

## O PARADIGMA PRONOMINAL NA FALA DE ESTUDANTES SERGIPANOS

### PRONOMINAL PARADIGM IN SERGIPANO STUDENTS' SPEECH

Manoel SIQUEIRA<sup>1</sup>

Marta Deysiane Alves Faria SOUSA<sup>2</sup>

**RESUMO:** A entrada de novos pronomes, como *you* e *a gente*, resultou em rearranjos no paradigma pronominal da variedade brasileira da língua, distanciando-se do padrão de uso europeu. Isso se deve ao fato de o Brasil ser um país vasto que apresenta diversidade linguística, fruto de sua pluralidade social, histórica e regional. A variedade de língua falada no estado de Sergipe, por exemplo, apresenta comportamentos distintos de outras variedades do português brasileiro (PB). Neste artigo, objetivamos sistematizar resultados de pesquisas sociolinguísticas que versem sobre o paradigma pronominal do PB quanto aos pronomes pessoais (retos e oblíquos) e seus respectivos possessivos, cujas amostras linguísticas lidam com fala de estudantes e foram retiradas do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). Os resultados evidenciam uma grande frequência para variantes inovadoras, como *you*, *seu* e *a gente*, como também para a manutenção de variantes conservadoras, como *te* e *nosso*, além de uma distribuição similar para os possessivos de 3P. Esperamos, por meio deste texto, contribuir com a agenda sociolinguística sobre o paradigma pronominal do PB, oferecendo uma visão da realidade linguística falada no estado de Sergipe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pronomes. Português Sergipano. Variação.

**ABSTRACT:** The entrance of new pronouns such as *you* and *a gente* resulted in rearrangements in Brazilian pronominal paradigm, distancing itself from the standard European use. This is a consequence of Brazil being a wide country that presents linguistic diversity, due to its social, historical, and regional diversity. For example, the variety spoken in the state of Sergipe displays different behavior from the other varieties of Brazilian Portuguese (BP). In this paper, we aim at systematizing the results of sociolinguistic research that approaches BP pronominal paradigm in relation to personal and object pronouns and their respective possessives, whose linguistic samples deal with students' speech and which were taken from Falares Sergipanos database (FREITAG, 2013). The results revealed: a great frequency for innovative variants, such as *you*, *your* and *a gente* as well as for the maintenance of canonic variants, such as *te* (*you - object pronoun*) and *nosso* (*our*), besides a similar distribution for 3P possessives. Through this text, we expect to contribute to the research agenda about BP pronominal paradigm, offering a view of the linguistic reality spoken in Sergipe.

**KEYWORDS:** Pronouns. Portuguese from Sergipe. Variation.

1. Mestre em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: manoel.siqueira77@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5928-3450>. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE).

2. Doutora em Letras. Centro de Educação Superior a Distância (CESAD), Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil. E-mail: professoramarta2018@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0480-0422>.

## Introdução

O paradigma pronominal do português brasileiro (PB) é um dos temas mais estudados por pesquisas de vertente Sociolinguística Variacionista, descrevendo o seu comportamento e funcionamento na língua. Os anos de empreendimento sobre o paradigma permitiram/permitem a sistematização de seus padrões estruturais e a compreensão do seu encaixamento na língua da(s) comunidade(s), apontando razões estruturais, sociais e estilísticas para a sua organização.

As pesquisas realizadas sobre o assunto têm evidenciado o distanciamento entre o que é proposto por gramáticas tradicionais e por manuais normativos e a língua falada. Esses estudos demonstram também que a reorganização no quadro pronominal não se limita apenas à inserção de uma ou outra forma, mas, em algum nível, a mudanças em todo o sistema pronominal da língua (KATO, 1985; MENON, 1995; PERINI, 1985; VIANNA, 2011). Exemplo disso é o uso do pronome de 2P *você*, que reestruturou o quadro pronominal acrescentando o pronome *lhe* no paradigma de 2P, que se encontra em variação com a variante canônica *te* (ALMEIDA, 2016; ARAÚJO; BORGES, 2021; SCHERRE; DUARTE, 2016).

No estado de Sergipe, pesquisas sociolinguísticas no escopo da composição do banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013) têm permitido o desenvolvimento de estudos que versem sobre o panorama pronominal do português falado no estado, com principal enfoque na fala de estudantes universitários. Assim, este texto tem como objetivo sistematizar resultados de pesquisas desenvolvidas sobre o paradigma pronominal do português falado no estado de Sergipe quanto aos pronomes pessoais e respectivos possessivos, com base nos seguintes fenômenos variáveis: i) pronomes pessoais de segunda pessoa (2P) em função de sujeito (*você* x *cê* x *tu*) (SIQUEIRA; SOUSA; RODRIGUES, 2023); ii) pronomes clíticos de 2P (*te* x *lhe*) (ARAÚJO; BORGES, 2021; SIQUEIRA; SOUSA; RODRIGUES, 2023); iii) pronomes possessivos de 2P (*teu* x *seu*) (SIQUEIRA; SOUSA; RODRIGUES, 2023); iv) pronomes pessoais de primeira pessoa do plural (1PP) em posição de sujeito (*nós* x *a gente*) (SANTOS, 2014; MENDONÇA, 2016); v) pronomes possessivos de 1PP (*nosso(a/s)* x *da gente*) (MENDONÇA; BORGES, 2021); e vi) possessivos de terceira pessoa (3P) (*seu(sua/s)* x *dele(a/s)*) (SIQUEIRA; NOVAIS; RODRIGUES, 2021).

Esperamos, por meio deste texto, contribuir com a agenda sociolinguística sobre o paradigma pronominal do PB, oferecendo uma visão da realidade linguística falada no estado de Sergipe.

## Conjunto de dados

Os dados linguísticos apresentados neste trabalho foram todos extraídos de pesquisas feitas com base no banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), composto por dados sincrônicos do português falado no estado de Sergipe, seguindo duas abordagens de coleta – comunidades de fala (estratificação homogênea) e comunidades de prática (relações sociopessoais). No quadro 1, temos um resumo das características dos estudos que subsidiaram a sistematização dos fenômenos acerca do quadro pronominal Sergipano.

**Quadro 1** – Características dos estudos sob análise

Estudo	Pronomes	Conjunto de dados	Perfil dos informantes	Tipo de coleta
Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023)	2ª pessoa gramatical (função de sujeito e possessivo)	Deslocamentos 2020	Universitários da UFS de naturalidade sergipana, alagoana e baiana	Entrevistas sociolinguísticas
Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023)	Clíticos de 2P plural	Deslocamentos 2020	Universitários da UFS de naturalidade sergipana, alagoana e baiana	Entrevistas sociolinguísticas
Araújo e Borges (2021)	Clíticos de 2P plural	Deslocamentos 2018/ UFS-Itabaiana	Universitários da UFS de Itabaiana de naturalidade itabaianense e de cidades circunvizinhas	Entrevistas sociolinguísticas
Santos (2014)	1ª pessoa do plural	Rede Social de Informantes Universitários e Falantes Cultos de Itabaiana/SE	Universitários da UFS de Itabaiana de naturalidade itabaianense e de cidades circunvizinhas	Interações conduzidas e entrevistas sociolinguísticas
Mendonça (2016)	1ª pessoa do plural	Atheneu Sergipense	Estudantes do Ensino Médio	Interações conduzidas e entrevistas sociolinguísticas
Mendonça e Borges (2021)	Possessivos de 1PP	Deslocamentos 2018/ UFS-Itabaiana	Universitários da UFS de Itabaiana de naturalidade itabaianense e de cidades circunvizinhas	Entrevistas sociolinguísticas
Novais, Siqueira e Rodrigues (2021)	Possessivos de 3P	Banco de Dados Falares Sergipanos	Universitários de Aracaju, São Cristóvão e Itabaiana	Entrevistas sociolinguísticas

**Fonte:** Elaboração própria.

Os dados relativos à segunda pessoa gramatical (2P) em função de sujeito e possessivo são oriundos da pesquisa de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023), a partir da amostra Deslocamentos (2020), com abordagem de comunidade de práticas. Essa amostra conta com a fala de estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e considera o acesso deles ao *campus* de São Cristóvão em termos de mobilidade. Os alunos são estratificados em perfis de deslocamento (D1 – estudantes nascidos e criados na região metropolitana do estado de Sergipe que vão e voltam para a UFS todos os dias; D2 – estudantes nascidos e criados no interior do estado de Sergipe que vão e voltam para a UFS todos os dias; D3 – estudantes nascidos e criados no interior do estado de Sergipe que se mudaram para as proximidades da UFS; e D4 – estudantes nascidos e criados em Alagoas e Bahia que se mudaram para as proximidades da UFS) e tempo no curso (início – até o 4º período – e final – a partir do 5º período). Utilizamos apenas os dados dos Deslocamento 1-3 (36 entrevistas sociolinguísticas), frente ao foco no português falado no estado de Sergipe.

Para os clíticos de 2P, utilizamos dados de dois estudos realizados com duas amostras diferentes. O primeiro de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023), usou a amostra Deslocamentos (2020). O segundo, Araújo e Borges (2021), utilizou dados de 54 entrevistas da amostra Deslocamentos (2018/UFS-Itabaiana). Esta amostra foi constituída de maneira similar à Deslocamentos 2020, sendo realizadas entrevistas sociolinguísticas com universitários da UFS do *campus* Itabaiana, e a mobilidade descrita em relação a esse campus.

Na descrição dos pronomes de primeira pessoa do plural (1PP) em posição de sujeito, trabalhamos com dados de duas pesquisas. A primeira pesquisa é a de Santos (2014), que utiliza as amostras Rede Social de Informantes Universitários e Falantes Cultos de Itabaiana/SE, ambas constituídas pela mesma comunidade de prática, a de alunos do *campus* da UFS em Itabaiana. A amostra Rede Social de Informantes Universitários conta com 8 interações de 8 informantes (4 homens e 4 mulheres). Já a amostra Falantes Cultos de Itabaiana/SE é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas (10 homens e 10 mulheres), com faixa etária entre 21-32 anos. A segunda pesquisa é a de Mendonça (2016), que conta com a amostra Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense. A amostra toma como ponto de partida o conceito de comunidade de prática e é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas e 31 interações conduzidas, constituídas a partir de dados de fala de 32 indivíduos, com idades entre 15 e 18 anos, todos estudantes do Ensino Médio e residentes na região da Grande Aracaju (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra dos Coqueiros). Os dados dos possessivos de 1PP são extraídos da pesquisa de Mendonça e Borges (2021), que usam 80 entrevistas da amostra Deslocamentos (2018/UFS-Itabaiana). Já os dados utilizados para a descrição dos possessivos de 3P são da pesquisa de Siqueira, Novais e Rodrigues (2021). Nessa pesquisa, foram analisadas 34 entrevistas realizadas com falantes de Aracaju (8), Itabaiana (16) e São Cristóvão (10), coletadas nos *campi* da UFS localizados nas respectivas cidades.

Os resultados são apresentados considerando a distribuição do fenômeno e as variáveis sociais controladas nas pesquisas em questão (caso existam).

## Modelo de análise

As análises dos dados seguem métodos de análise estatística descritiva e inferencial. Para cada variável, realizamos análise univariada da distribuição da variável dependente, visualizada por meio de gráficos. Como teste de significância para as análises, observamos a relação entre a frequência absoluta da variável dependente (e a variável independente, existindo), se é efeito do acaso ou se é uma distribuição significativa, por meio de teste de qui-quadrado. O teste apresenta um p-valor, que é comparado com nosso p-valor pré-determinado, o  $\alpha$  (alfa) no valor de  $< 0,05$  (5%), que significa que, se repetirmos o teste 100 vezes, cinco dessas vezes o resultado pode ser diferente do obtido inicialmente. Nossos resultados são efeitos do acaso, não havendo significância estatística, quando  $p =$  ou  $> 0,05$ ; quando o  $p < 0,05$ , a distribuição de nossa variável dependente não é efeito do acaso, havendo significância em sua distribuição.

Após a identificação e a quantificação de nossas variáveis dependentes, realizamos as análises estatísticas univariadas desses dados na plataforma R (R CORE TEAM, 2018), na interface RStudio, por meio do pacote estatístico ggstatsplot (PATIL, 2021), que apresenta a distribuição da variável dependente por meio de gráficos. Os gráficos gerados já apresentam testes de associação. Seguimos protocolos de análise estatística para variáveis categóricas apresentados em Freitag (2021).

## O panorama pronominal sergipano

Nesta seção, apresentamos os resultados dos estudos que tomam como enfoque o panorama pronominal do português brasileiro. Iniciamos pelos dados relativos à segunda pessoa gramatical (2P) em função de sujeito (SIQUEIRA; SOUSA; RODRIGUES, 2023), seguindo para os clíticos de 2P (ARAÚJO; BORGES, 2021; SIQUEIRA; SOUSA; RODRIGUES, 2023) e os possessivos de 2P (SIQUEIRA; SOUSA; RODRIGUES, 2023). Em seguida, abordamos os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural (1PP) em posição de sujeito (SANTOS, 2014; MENDONÇA, 2016) e suas formas possessivas (MENDONÇA; BORGES, 2021). Por fim, apresentamos os dados de possessivos de terceira pessoa (3P).

## A segunda pessoa gramatical

Os compêndios gramaticais privilegiam duas formas para a 2P na posição de sujeito (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2008): *tu* para o singular e *vós* para o plural (2PP), desconsiderando o pronome *você(s)*. Pesquisas sociolinguísticas que descrevem o comportamento de 2P em diferentes variedades do português, por outro lado, apontam para um predomínio da variante *você*, como (1), enquanto a variante *tu*, em (2), está mais ligada ao costume regional, limitando-se a algumas comunidades de fala geograficamente localizadas (cf. SCHERRE et al., 2011; SCHERRE; ANDRADE; CATÃO, 2021; PAREDES SILVA, 2003; ROCHA; SANTOS; SOUSA, 2016; SILVA; VITÓRIO, 2017; e mais). As pesquisas ainda apontam o uso da forma *cê*, em (3), e da forma *ocê*, em (4).

- (1) eu ia lá e denunciaria mas como **você** falou há tantos anos ninguém nem falava sobre isso (VAG-2FF).<sup>3</sup>
- (2) acho que **tu** tem que se desenvolver (CAIIMF).
- (3) você fazia algum lugar que você ia **cê** fala no caso memória boa isso? (GON1MF).
- (4) **ocê** sabe que dia da semana é hoje?

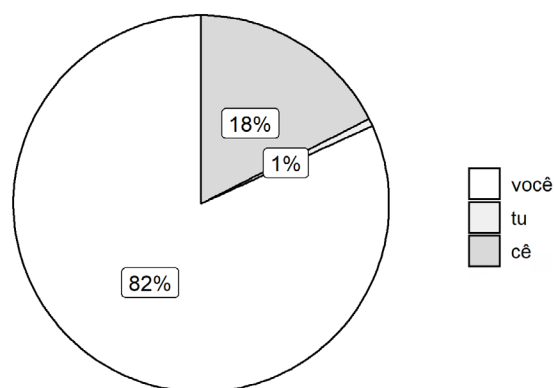
3. Os exemplos para 2P são retirados dos dados de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023), com exceção do exemplo para a variante *ocê*: uma vez que os autores não encontraram nenhuma ocorrência de *ocê* no *corpus*, sendo este exemplo inventado.

As pesquisas de cunho dialetal realizadas com o português falado no estado de Sergipe (CARDOSO, 2008; DIVINO, 2020), com base em dados do Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB), seguem a mesma tendência de pesquisas sociolinguísticas: predomínio para a forma *você* e baixa frequência para a variante *tu*, esta sem concordância padrão. As formas *cê* e *ocê*, contudo, não aparecem como mapeadas em pesquisas do estado que usam o ALIB. Ainda em relação aos dados utilizados por Cardoso (2008) e Divino (2020), vale ressaltar que o primeiro estudo foi feito com informantes apenas de Aracaju e o segundo com informantes das cidades de Aracaju, Estância e Propriá, sendo que Divino (2020) não relatou se houve diferenças entre os usos das variantes quanto à cidade.

Dados sobre o português universitário sergipano reportam usos da variante *cê* e também diferenças entre as frequências de usos entre falantes de diferentes deslocamentos. Na Figura 1, vemos a distribuição dos pronomes pessoais de 2P para o português universitário sergipano.

**Figura 1** – Distribuição dos pronomes pessoais de 2P no português universitário sergipano

$$\chi^2_{\text{gor}}(2) = 1661.54, p = 0.00, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.72, \text{CI}_{95\%} [0.71, 1.00], n_{\text{obs}} = 1,513$$

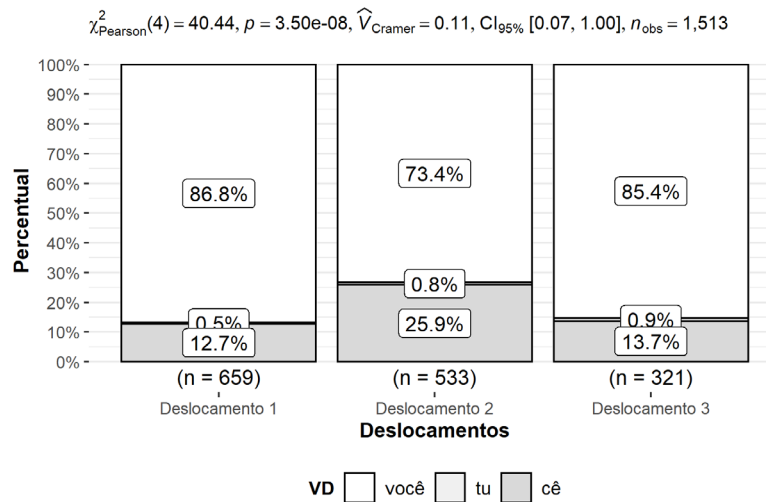


**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023).

Há ocorrências apenas das formas *você*, *cê* e *tu*, não havendo uso do *ocê* no português falado pelos informantes que compõem a amostra. A maior frequência é para a forma *você*, com 82% (1237/1513). A forma *cê* apresenta uma frequência de 18% (266/1513), demonstrando sua implementação na fala dos informantes. A forma *tu*, por sua vez, apresenta apenas 1% (10/1513) de todas as realizações de pronomes pessoais de 2P, uma frequência extremamente baixa, evidenciando seu desuso (ou não uso) por falantes da amostra. Os resultados encontrados para a 2P dialogam com outras pesquisas da região quanto ao predomínio da forma *você* e a baixa frequência da forma *tu* no português falado no Nordeste (SCHERRE et al., 2011; SILVA; VITÓRIO, 2017) e no estado de Sergipe (CARDOSO, 2008; DIVINO, 2020), com crescente implementação de *cê*. A distribuição para a variável é estatisticamente significativa ( $\chi^2(2, N= 1531) = 1661.54 p < 0.001$ ).

Podemos observar, juntamente à distribuição de nossa variável dependente, a frequência com base em cada um dos perfis de deslocamento de nossa amostra (Figura 2).

**Figura 2** – Distribuição dos pronomes pessoais de 2P com base nos perfis de deslocamento no português universitário sergipano



**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023).

A maior frequência para a forma *você* é observada na fala de estudantes pertencentes ao Deslocamento 1 (86.8% 572/659), universitários nascidos e criados na região metropolitana do estado, seguido por falantes do Deslocamento 3 (85.4% 274/321), universitários do interior do estado que migraram para a região metropolitana. Já a menor frequência para essa variante foi encontrada no Deslocamento 2 (73.4% 391/533), estudantes do interior do estado, que, por outro lado, realizam movimento pendular entre a cidade de origem e a universidade, apresentam a maior frequência para a forma *cê* (25.9% 138/1513).

O uso da forma *tu* é maior com falantes do Deslocamento 3 (0.9% 3/321), mesmo sendo uma frequência extremamente baixa. A distribuição dos pronomes de 2P com base nos perfis de deslocamento é estatisticamente significativa ( $\chi^2(4, N= 1513) = 40.44 p < 0.001$ ), evidenciando efeito da região de origem dos estudantes sobre os usos dos pronomes para fazer referência ao interlocutor. Ainda que em todos os deslocamentos predomine *você*, a alta frequência do *cê* em falantes do Deslocamento 2, falantes do interior do estado, pode ser um indício de que essa variante está em maior fase de implementação em suas respectivas comunidades.

Os resultados para a 2P podem ser diferentes em outras funções sintáticas, uma vez que não é apenas em função de sujeito que há variação na 2P. A entrada de *você* gerou uma reestruturação no quadro de pronomes do PB, o que resultou em mudanças nos usos dos clíticos e na forma possessiva. A forma *você*, de base nominal de terceira pessoa, passa a utilizar as formas possessivas e clíticas seguindo o paradigma de 3P: o clítico *lhe*, oposto a *te*, e o possessivo *seu*, oposto a *teu*.<sup>4</sup>

4. Não consideramos para esta análise a forma *de você(s)*, uma vez que o intuito da pesquisa da qual os dados foram extraídos é observar padrões dialetais nas formas possessivas.

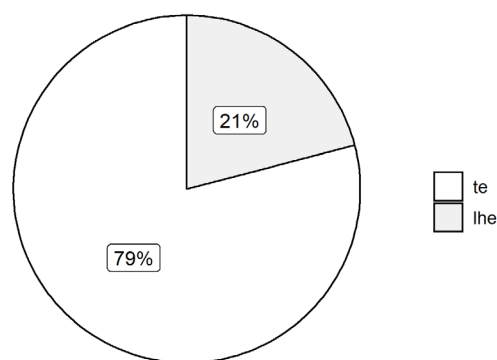
Ramos (1999), ao discutir sobre a variação entre os clíticos *lhe* (5) e *te* (6) em 2P, destaca a existência de três gramáticas: i) na primeira delas, usa-se *você* como pronome pessoal de 2P, o *lhe* como clítico para relações de respeito e o *te* em contextos familiares e informais – para essa gramática, a autora a rotula como sendo do eixo Rio-São Paulo; ii) na segunda gramática, utiliza-se *você* como pronome de 2P e o clítico *lhe* como substituto à forma *te* – gramática destacada pela autora como parte do português falado nas capitais Maceió, Recife, Salvador e João Pessoa; iii) para a terceira gramática, a autora aponta que há distinção *tu* e *você*, aquela no tratamento íntimo/familiar e esta no tratamento respeitoso, e que os clíticos *te* e *lhe* seguem a mesma distinção, respectivamente – essa gramática faria parte dos estados do norte e do Maranhão. Demais estudos que versam sobre a variação destacam que o uso de *lhe* como clítico de 2P é mais evidente em dialetos do nordeste do que em dialetos de outras regiões do Brasil, mas que o uso de *te* ainda é mais consistente em todas as regiões dialetais (OLIVEIRA, 2004; ALMEIDA, 2009).

- (5) você tenha medo de alguém de moto **te** parar e **te** assaltar mas você não (CARIFF).
- (6) você vai ter o professor pra **lhe** auxiliar eh (JOS2MF).

O português universitário falado em Sergipe, em algum grau, segue tanto o que propõe Ramos (1999), utilizando o *você* como pronome de 2P e o clítico *lhe* como substituto da forma *te*, como podem apresentar maior uso da forma *te*, uma vez que o *lhe* ainda está em implementação como 2P no português, coexistindo ambas as formas. Na Figura 3, observamos os resultados com base na amostra do *campus* de São Cristóvão, a amostra Deslocamentos (2020).

**Figura 3** – Distribuição dos clíticos de 2P no português universitário sergipano na amostra Deslocamentos (2020)

$$\chi^2_{\text{gof}}(1) = 14.53, p = 1.38\text{e-}04, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.50, \text{CI}_{95\%} [0.31, 1.00], n_{\text{obs}} = 43$$



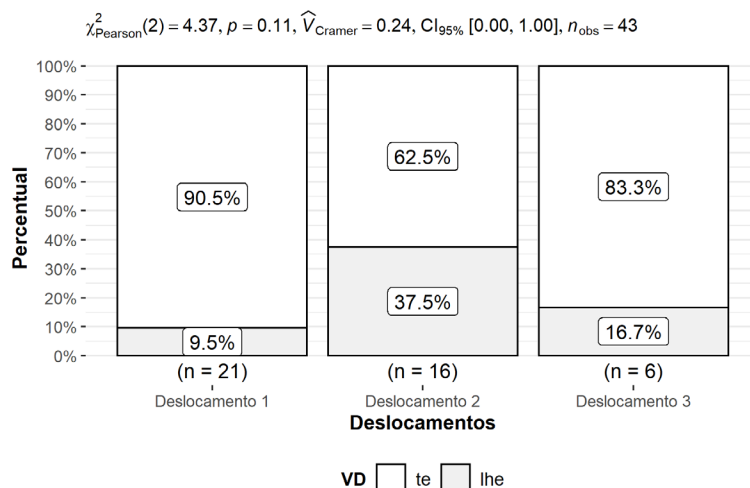
**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023).

Há baixo uso para os clíticos de 2P nessa amostra (n= 43). A frequência da forma *te* (79% 34/43) é maior do que a frequência da forma *lhe* (21% 9/43) como clítico de 2P no português falado por universitários sergipanos. Embora haja a ocorrência do *lhe* em falantes da amostra, a forma *te* ainda é a mais adotada para fazer referência à 2P, o que dialoga com demais estudos sobre a variação no português (OLIVEIRA, 2004; ALMEIDA, 2009). A distribuição da variável



é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 43) = 14.53 p < 0.001$ ). A Figura 4 apresenta as frequências com base nos perfis de deslocamento dos estudantes.

**Figura 4** – Distribuição dos possessivos de 2P com base nos perfis de deslocamento no português universitário sergipano

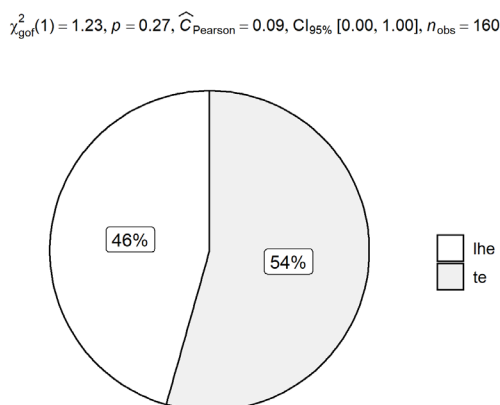


**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023).

A maior frequência de *lhe* é encontrada no Deslocamento 2 (37.5% 6/16), falantes universitários do interior do estado, enquanto o Deslocamento 1 (9.5% 2/21) e 2 (16.7% 1/6) apresentam frequências baixas. São os falantes da região metropolitana do estado que fazem o menor uso da variante *lhe*, enquanto os falantes da região interiorana do estado fazem o maior uso. Tais resultados são um indício para o caráter dialetal da variação no estado de Sergipe, uma vez que os falantes das diferentes comunidades apresentam diferentes padrões de uso. Contudo, a distribuição não é estatisticamente significativa ( $\chi^2(2, N= 43) = 4.37 p = 0.11$ ).

Os dados de Araújo e Borges (2021), com base na amostra Deslocamentos (2018/ UFS-Itabaiana), apresentam resultados semelhantes.

**Figura 5** – Distribuição dos clíticos de 2P no português universitário sergipano na amostra Deslocamentos (2018/ UFS-Itabaiana)



**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Araújo e Borges (2021, p. 156).

As ocorrências dos clíticos nos dados de Araújo e Borges (2021) é maior do que o que o observado nos dados da amostra Deslocamentos (2020) (n = 160). Há, assim como em Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023), predomínio para a forma *te* (54% 87/160), enquanto *lhe* possui 46% (73/160) das realizações, frequências próximas. Frente a essa proximidade, a distribuição não é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 43) = 1.23 p = 0.27$ ). Aqui parece ser mais verídico destacar que *lhe* como clítico de 2P é evidente em dialetos do nordeste, frente a sua frequência similar ao do pronome *te*, demonstrando uma coexistência entre as formas. Ainda assim, permanece o predomínio de *te*.

Por fim, no paradigma de 2P, ao abordar a variação nos possessivos de 2P, Câmara Jr. (1979) argumenta que as formas *seu/sua* tornaram-se ambíguas, fazendo referência tanto à terceira pessoa do singular e do plural, quanto à segunda pessoa do singular e do plural, acompanhando os pronomes *você(s)*, levando a forma possessiva de 2P, o *teu*, a entrar em variação com a forma *seu*. Pesquisas que descrevem o comportamento dessa variação no PB demonstram o uso cada vez mais crescente de *seu* como 2P, em (7), com resquícios do uso de *teu*, como (8), em comunidades nas quais há predomínio do pronome *tu* (MENON. 1995; SOARES, 1999; ARDUIN, 2005; MENDES, 2008; entre outros).

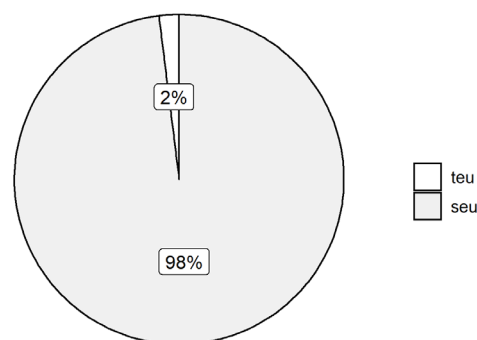
(7) não é sobre você não é sobre **seu** ego não é sobre **seu** status (ISA1FI).

(8) você pode andar pelada no meio da rua que o corpo é **teu** (VAG2FF).

Os dados apresentados na Figura 6 são as primeiras evidências para a distribuição do fenômeno no português falado no estado.

**Figura 6** – Distribuição dos possessivos de 2P no português universitário sergipano

$$\chi^2_{\text{gof}}(1) = 47.08, p = 6.82e-12, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.69, \text{CI}_{95\%} [0.59, 1.00], n_{\text{obs}} = 51$$



**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Siqueira, Sousa e Rodrigues (2023).

Há um amplo predomínio para a forma *seu* (98% 50/51), com apenas uma ocorrência para a forma *teu* (2% 1/51), o exemplo (8). Tal frequência é resultado da implementação de *você* no português, que levou ao crescente uso do subsistema pronominal de 3P. Uma vez que no português falado em Sergipe há predomínio do *você* (e *cê*), como também a baixa frequência

do *tu*, observamos poucas ocorrências da forma *teu*. A distribuição dessa variável é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 51) = 47.08$   $p < 0.001$ ). Parece-nos que não estamos diante de um fenômeno variável para os possessivos de 2P em nossos dados, mas de um uso semicategórico para a forma *seu*.

A variável deslocamentos não apresentou significância estatística ( $\chi^2(2, N= 51) = 2.45$   $p = 0.29$ ). A única ocorrência de *teu* se dá na fala de um estudante do Deslocamento 2 (6.7% 1/15), residente no interior do estado de Sergipe – de Ribeirópolis. No português falado por estudantes universitários sergipanos, há predomínio – se não semicategoricidade – para a variante *seu*, pertencente ao subsistema pronominal de 3P, mas adotado no subsistema de 2P.

No português universitário sergipano, podemos observar os seguintes padrões para a segunda pessoa gramatical: i) predomínio do pronome pessoal *você*, seguido do pronome *cê* e uso bastante reduzido do pronome *tu* na fala dos informantes; ii) maior adoção da forma clítica *te*, coexistindo com o clítico *lhe*; iii) uso semicategórico do pronome possessivo *seu*, visto o uso praticamente inexistente de *teu*.

### A primeira pessoa do plural

A primeira pessoa do plural (1PP) apresenta variação na função de sujeito, havendo a realização de duas formas: *nós* (9), o pronome canônico, e *a gente* (10), o pronome inovador. Embora a representação do quadro para 1PP em compêndios gramaticais não contemplem o pronome *a gente* como pronome de 1PP (ALMEIDA, 2009; BECHARA, 2009; CEGALLA, 2008), ele é amplamente utilizado por falantes de diferentes regiões, classes sociais, níveis de escolaridade, sexos/gêneros e faixas etárias (LOPES, 1998; OMENA, 2003; VIANNA, 2011; VIANNA; LOPES, 2015; VITÓRIO, 2017b).

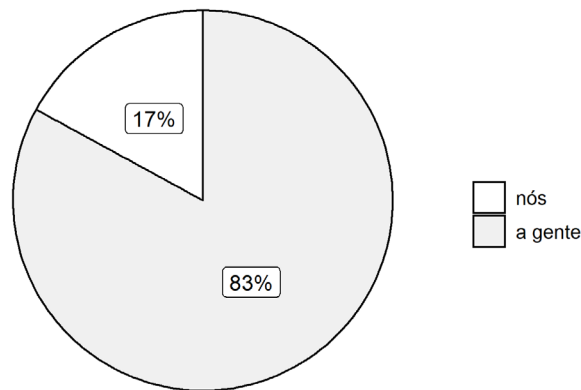
- (9) o que você acha que por mais que não tenha acontecido com você **a gente** sabe que acontece muito né? o que você acha que deveria mudar em relação à segurança? (D03F – E09M).<sup>5</sup>
- (10) F1: é veja é **nós** temos que é cobrar das autoridades por conta que eu eu digo assim uma coisa o governo tem dinheiro ele num investe porque ele num quer num venha pra cá dizer que não tem dinheiro entendeu porque tem então a outra tá muitas coisas que que num né? (Jk-Fp D FM I 26).

A princípio, apresentamos os dados de Santos (2014), que utiliza as amostras Rede Social de Informantes Universitários e Falantes Cultos de Itabaiana/SE, ambas constituídas por alunos do *campus* da UFS em Itabaiana (Figura 7).

5. Os exemplos sobre *nós* e *a gente* em função de sujeito são retirados da pesquisa de Mendonça (2016).

**Figura 7** – Distribuição dos pronomes de 1PP em função de sujeito no português universitário sergipano nos dados de Santos (2014)

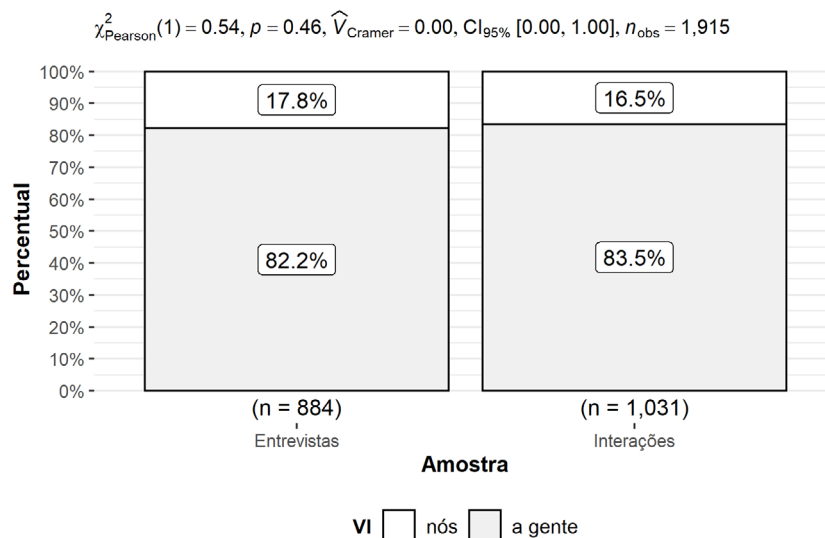
$$\chi^2_{\text{gof}}(1) = 830.35, p = 1.36e-182, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.55, \text{CI}_{95\%} [0.53, 1.00], n_{\text{obs}} = 1,915$$



**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Santos (2014, p. 41).

O pronome *a gente* é predominante nos dados da autora (83% 1588/1915), o que corrobora a ideia de que a variante é a mais utilizada para fazer referência à 1PP no português brasileiro e, mais especificamente, no português falado no estado de Sergipe, sendo, portanto, a variante *nós* a menos empregada (17% 327/915). A distribuição da variável é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 1915) = 830.35 p < 0.001$ ). Santos (2014) faz uso de duas amostras para a descrição do fenômeno: uma amostra de interação e outra de entrevistas. Podemos ver a distribuição dos dados considerando tanto as interações quanto as entrevistas (Figura 8).

**Figura 8** – Distribuição dos pronomes de 1PP em função de sujeito no português universitário sergipano com base no tipo de amostra

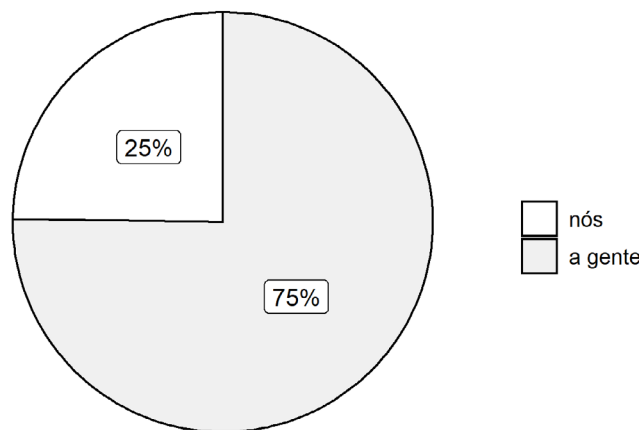


**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Santos (2014, p. 42).

As frequências entre os dois tipos de amostra são extremamente similares, o que resulta na não significância estatística ( $\chi^2(1, N= 1915) = 0.54 p = 0.46$ ), evidenciando que, em seus dados, não há diferenças quanto ao tipo de amostra para os usos dos pronomes de 1PP. Em ambas as amostras predomina *a gente*, apresentando 82.2% (727/884) para a amostra com entrevistas e 83.5% (861/1031) para a amostra de interações. Os resultados não são uma surpresa, uma vez que pesquisas sociolinguísticas sobre a variação apresentam a mesma tendência para o português falado (LOPES, 1998; OMENA, 2003; VIANNA, 2011; VIANNA; LOPES, 2015; VITÓRIO, 2017b). Com isso, os resultados de Mendonça (2016), com a amostra Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense, são similares aos de Santos (2014) (Figura 9).

**Figura 9** – Distribuição dos pronomes de 1PP em função de sujeito no português sergipano nos dados de Mendonça (2016)

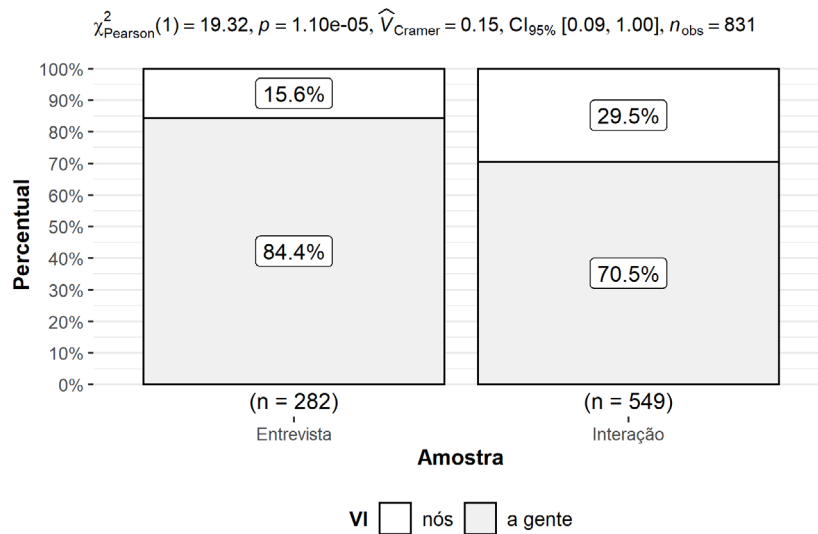
$$\chi_{\text{gof}}^2(1) = 211.26, p = 7.28\text{e-}48, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.45, \text{CI}_{95\%} [0.41, 1.00], n_{\text{obs}} = 831$$



**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Mendonça (2016, p. 71).

Observamos o predomínio para a forma *a gente* (75% 625/831) em relação a *nós* (25% 206/831) em dados de fala de estudantes sergipanos. Nesse caso, não temos mais a fala de universitários, mas a de alunos da educação básica, indício de que o fator escolaridade pode não apresentar associação com os usos dos pronomes pessoais de 1PP no português falado em Sergipe. A distribuição dos dados é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 831) = 211.26 p < 0.001$ ). A observação dos resultados com base no tipo de amostra pode ser observada na Figura 10.

**Figura 10** – Distribuição dos pronomes de 1PP em função de sujeito no português sergipano com base no tipo de amostra



**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Mendonça (2016, p. 84).

A frequência de *a gente* é maior em dados extraídos de entrevistas (84.4% 238/282) do que em dados de interação (70.5% 387/549), com a variante predominando em ambos os tipos de amostra. A diferença é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 831) = 19.32 p < 0.001$ ). Como aponta a autora, “os resultados podem ser justificados a partir dos direcionamentos temáticos realizados em cada tipo de coleta” (MENDONÇA, 2016, p. 84), uma vez que as entrevistas tinham temas mais restritos ao contexto dos alunos, o que permitia a inclusão dele próprio em suas falas, enquanto as interações tinham temas mais abrangentes. O pronome predominante para a 1PP em posição de sujeito no português sergipano é o pronome *a gente*, seguindo tendência de outras pesquisas sobre o fenômeno no português brasileiro (LOPES, 1998; OMENA, 2003; VIANNA, 2011; VIANNA; LOPES, 2015; VITÓRIO, 2017b). Em outras funções sintáticas, o resultado pode não ser o mesmo.

O rearranjo sintático decorrente do surgimento de *a gente* possibilita o uso do pronome inovador em diferentes funções sintáticas, concorrendo com o pronome canônico *nós não apenas como sujeito de 1PP, mas também como complemento e adjunto. As pesquisas sociolinguísticas que descrevem os usos de a gente* não sujeito no português observam que, diferentemente da função de sujeito, em outras funções o pronome ainda está em um processo de implementação, com baixas frequências (VIANNA; LOPES, 2012; SILVA; VITÓRIO, 2017a). Na Figura 11, observamos os dados de Mendonça e Borges (2021) quanto à variação dos pronomes de 1PP em função possessiva: *da gente*, em (11), e *nosso(a/s)*, em (12).

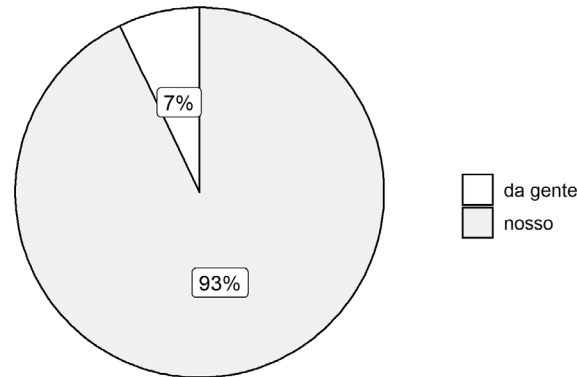
(11) acho que no cinema a gente num tem tanta liberdade que a gente tem dentro da casa **da gente** tá lá deitado com ar-condicionado aí eu num vou tanto não gosto muito” (Aqu-f).<sup>6</sup>

(12) algum doce alguma coisa que a gente queria **nosso** mãe mandava ir ao supermercado (Ana-f).

6. Os exemplos para os possessivos de 1PP são extraídos de Mendonça e Borges (2021).

**Figura 11** – Distribuição dos possessivos de 1PP no português universitário sergipano

$$\chi^2_{\text{gof}}(1) = 350.69, p = 2.99\text{e-}78, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.65, \text{CI}_{95\%} [0.62, 1.00], n_{\text{obs}} = 477$$



**Fonte:** elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de Mendonça e Borges (2021, p. 110).

A frequência da forma possessiva *nosso* (93% 443/477) na fala de universitários do *campus* Itabaiana/SE é maior do que a frequência da forma possessiva *da gente* (7% 34/477), o que confirma o que pontuamos: a forma *a gente* ainda se encontra em processo de implementação em funções que não a de sujeito, evidenciando que a mudança no paradigma pronominal de 1PP ainda não está totalmente implementada. A distribuição para a variável é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N= 477) = 350.69 p < 0.001$ ).

No português sergipano falado por estudantes, podemos observar que o padrão para a 1PP é de predomínio do pronome *a gente* em função de sujeito, por outro lado, em função de posse, o predomínio é de *nosso*. Esse fato evidencia que o pronome *a gente* ainda está em fase de implementação na função de não sujeito.

### Possessivos de 3P

Com o crescente uso de *seu* em 2P, surge o pronome *dele* para fazer referência à terceira pessoa (3P), em (13), que se tornou cada vez mais frequente como estratégia para evitar a ambiguidade na interpretação do referente, já que o uso do pronome *seu*, em (14), pode gerar esse efeito (LOPES, 2007). Esse uso do pronome *dele* para demarcar melhor quem é o referente, evitando a confusão na interpretação, leva à variação nos usos dos possessivos de 3P no PB (PERINI, 1985; KATO, 1985; SOARES, 1999; SILVA, 2016; FREITAG; SIQUEIRA, 2018).

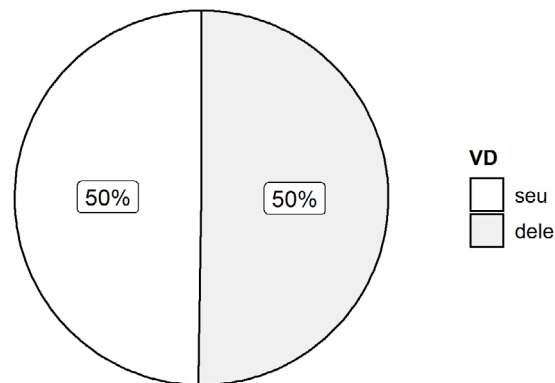
- (13) a gente tem uma relação de trabalho onde eu procuro sempre valorizar o trabalho **dele**.<sup>7</sup>
- (14) um determinado povo vive eh o eh **sua** cultura é.

7. Os exemplos para os possessivos de 3P são extraídos de Novais, Siqueira e Rodrigues (2021).

Na Figura 12, observamos a distribuição da variação nos dados de Novais, Siqueira e Rodrigues (2021), que descrevem o fenômeno com base no português universitário do estado de Sergipe.

**Figura 12** – Distribuição dos possessivos de 3P no português universitário sergipano

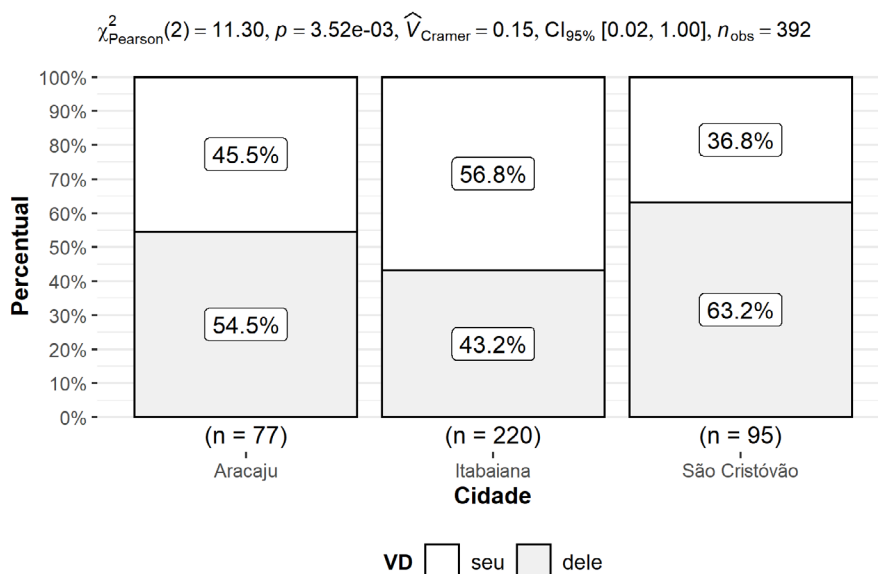
$$\chi^2_{\text{goF}}(1) = 0.01, p = 0.92, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 5.10\text{e-}03, \text{CI}_{95\%} [0.00, 1.00], n_{\text{obs}} = 392$$



**Fonte:** elaborado pelos autores a partir de dados extraídos de Novais, Siqueira e Rodrigues (2021, p. 13).

As frequências percentuais são iguais para a forma *dele* (50% 197/392) e para a forma *seu* (50% 195/392), não apresentando uma distinção significativa para a variação nos possessivos de 3P ( $\chi^2(1, N = 392) = 0.01$   $p = 0.92$ ). Com isso, quanto aos usos dos possessivos de 3P, há uma igualdade para os usos de ambas as formas. A observação da variável com base na cidade do informante, contudo, apresenta diferenças nos usos (Figura 13).

**Figura 13** – Distribuição dos possessivos de 3P no português universitário sergipano com base na cidade do estudante



**Fonte:** elaborado pelo autor a partir de dados cedidos por Novais, Siqueira e Rodrigues (2021).



A maior frequência do possessivo *dele* é observada na fala de universitários de São Cristóvão (63.2% 60/95), seguido por falantes de Aracaju (54.5% 42/77). A menor frequência é observada na fala de estudantes da cidade de Itabaiana (43.2% 95/220), nos quais predomina a variante *seu* (56.8% 125/220). Se observarmos as contagens, são os falantes de Itabaiana que fazem o maior uso da variante *dele*, provável resultado do maior número de informantes. A diferença entre as cidades dos universitários é estatisticamente significativa ( $\chi^2(2, N= 392) = 11.30$   $p < 0.001$ ). Nesse sentido, as diferentes origens do informante parecem interferir em seus usos linguísticos quanto ao uso dos possessivos de 3P.

Os estudantes de Sergipe apresentam o seguinte padrão para os usos dos possessivos de 3P: equilíbrio na distribuição global das formas e diferenças em relação às cidades dos falantes. Falantes de São Cristóvão fazem o maior uso da variante *dele*, seguidos por falantes de Aracaju, sendo que a variante *seu* predomina na fala de universitários de Itabaiana.

### Considerações finais

Por meio deste estudo, procuramos identificar os padrões de usos no paradigma pronominal da fala de estudantes sergipanos, em relação aos pronomes de 2P, 1PP e possessivos de 3P. No quadro 2, os resultados são sumarizados.

**Quadro 2** – Sumarização dos resultados

Paradigma de 2P			Paradigma de 1P		Paradigma de 3P
<i>Pessoal</i>	<i>Clítico</i>	<i>Possessivo</i>	<i>Pessoal</i>	<i>Possessivo</i>	Possessivo
Predomínio de <i>você</i> em falantes da região metropolitana e daqueles que migraram do interior. Falantes do interior que realizam movimento pendular empregam mais <i>cê</i> .	Predomínio de <i>te</i> em falantes da região metropolitana. Falantes do interior utilizam mais <i>lhe</i> .	Predomínio de <i>seu</i> em todos os falantes.	Predomínio de <i>a gente</i> em todos os falantes.	Predomínio de <i>nosso</i> em todos os falantes.	Equilíbrio na distribuição global das formas variantes. Falantes de Itabaiana realizam mais a variante <i>seu</i> , e aqueles de Aracaju e São Cristóvão, a forma <i>dele</i> .

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Pelo Quadro 2, observamos que o paradigma de 1P é aquele que apresenta distanciamento entre as formas dos pronomes pessoais e dos possessivos. Isso porque, na função de sujeito, os falantes realizam mais a variante *a gente*, mas não acompanham esse mesmo padrão em função de não sujeito, evidenciando ainda a implementação de *a gente* no paradigma de 1P no português sergipano falado por estudantes. Em relação ao paradigma de 2P, falantes do interior fazem mais usos das variantes inovadoras, tanto a respeito dos clíticos, usando mais a forma *lhe*, quanto aos usos dos pronomes pessoais, no caso, *cê* e *você*, sendo esta última variante também

empregada por falantes da região metropolitana. Já em relação ao paradigma de 3P, apesar do equilíbrio na distribuição global das variantes, a forma *seu* é mais usada por falantes de Itabaiana e a forma *deles*, por falantes de Aracaju e São Cristóvão.

Um ponto a ser considerado quanto às variáveis de 2P é o tipo de entrevista das quais os dados foram retirados, que permitem poucas realizações de formas de 2P, uma vez que a maior parte das questões do roteiro é sobre o próprio informante. Um conjunto de dados que use como base interações, como os utilizados por Santos (2014) e Mendonça (2016), poderia resultar em um maior número de ocorrências para os fenômenos descritos.

Por fim, pontuamos a relevância deste artigo ao abordar a discussão sobre o paradigma pronominal falado por estudantes do estado de Sergipe, uma vez que a análise conduzida proporciona olhares importantes sobre a identidade linguística das comunidades locais. O uso dos pronomes na fala reflete não apenas as características gramaticais, mas também as nuances sociais, históricas e regionais que moldam a língua falada naquela região. Ao compreender como os estudantes residentes em variados locais do estado empregam os pronomes em suas interações cotidianas, é possível desvendar padrões linguísticos distintos e compreender as dinâmicas sociais que influenciam o uso efetivo da língua. Além disso, a discussão sobre o paradigma pronominal contribui para a preservação e promoção da diversidade linguística, reconhecendo a importância de valorizar as características de cada comunidade no mosaico linguístico do português brasileiro falado.

Deixamos aqui algumas sugestões para futuras pesquisas sobre o paradigma pronominal no português sergipano: i) pronomes de 1PP nas funções de complemento e adjunto; ii) variação nas orações relativas; iii) uso dos pronomes reflexivos de 1P no português sergipano.

## Referências

- ALMEIDA, G. S. *Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ALMEIDA, G. de S. Uso dos Pronomes-Objetos de Segunda na Fala de Salvador e de Santo Antônio de Jesus. *Veredas Atemática*, v. 20, n. 2, p. 122-135, 2016.
- ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Variação no uso de pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de estudantes Itabaianenses. *Paraguaçu*, v. 1, n. 1, p. 146-167, 2021.
- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na Região Sul do Brasil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2005.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CARDOSO, S. A. M. Caminhos dos pronomes pessoais no português brasileiro: considerações a partir dos dados do projeto ALIB. In: *Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa*, 2008, São Paulo.

- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DIVINO, L. S. A. *Tu e você em cinco estados do Nordeste a partir dos dados do Projeto Altas Linguístico do Brasil: um estudo variacionista*. 2020. 254 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013.
- FREITAG; R. M. K.; SIQUEIRA, M. Ainda sobre possessivos de terceira pessoa no português. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 4, n. 2, p. 32-44, 2018.
- FREITAG, R. M. K. Variáveis categóricas. 2021. Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html>. Acesso em: 21 fev. 2021.
- KATO, M. A. A complementariedade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini (1985). *D.E.L.T.A.*, v. 1, n. 1-2, p. 107-120, 1985.
- LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. 2, 1998.
- MENDES, F. Variação estilística e genericidade: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular. In: *Anais do CELSUL*, 2008.
- MENDONÇA, J. J. *Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.
- MENDONÇA, J. J.; BORGES, C. K. V. Variação nos pronomes possessivos de 1ª pessoa do plural. *Paraguacu*, v. 1, n. 1, p. 106-129, 2021.
- MENON, O. P. S. Reestruturação do sistema possessivo em português. In: *Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos lingüísticos e literários do Paraná*. Umuarama, PR, UNIPAR/FAFID, p. 334-338, 1995.
- NOVAIS, V.; SIQUEIRA, M.; RODRIGUES, F. Os usos de seu e dele na fala de universitários sergipanos. *Enlaces*, Salvador, v. 2, p. e021009, 2021.
- OLIVEIRA, M. A perda da preposição a e a recategorização de lhe. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 23, p. 292-297, 2004.
- OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.
- PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro, v. 7, p. 160-169, 2003.
- PATIL, I. Visualizations with statistical details: The ‘ggstatsplot’ approach. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 61, p. 3167, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21105/joss.03167>.
- PERINI, M. A. O surgimento do sistema possessivo coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.*, v. 1, n. 1-2, p. 01-16, 1985.
- R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.r-project.org>. Acesso em: 06 jan. 2022.

- RAMOS, C. M. A. *O clítico de 3 pessoa: um estudo comparativo português brasileiro / espanhol peninsular*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.
- ROCHA, W. J. C.; SANTOS, L. O.; SOUSA, V. V. O pronome você e sua variante cê: um estudo (socio) funcional. *Interdisciplinar*, v. 24, p. 143-158, 2016.
- SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. 2014. 87f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.
- SCHERRE, M. M. P. ; DIAS, E. P. ; ANDRADE, C. Q.; LUCCA, N. N. G.; ANDRADE, A. L. V. S. Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense. *Papia*, v. 21, p. 117-134, 2011.
- SCHERRE, M. M.; DUARTE, M. E. L. Main current processes of morphosyntactic variation. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. John Wiley & Sons, Inc., 2016, p. 526-544.
- SCHERRE, M. M. P. ; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. C. Por onde transitam o tu e o você no nordeste?. *Revista de Letras*, v. 1, n. 40, p. 164-197, 2021.
- SILVA, M. L. S. *Variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu (a) (s)/ dele (a) em Natal-RN: aspectos sociais e estilísticos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.
- SILVA, S. O. P. ; VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação você e cê no sertão alagoano. *Revista Leitura*, Maceió, v. 2, n. 59, p. 122-142, 2017.
- SOARES, A. S. F. *Segunda e terceira pessoa : o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, 1999.
- SIQUEIRA, M.; SOUSA, M. D. A. F.; RODRIGUES, F. G. C. Sistematizando padrões dialetais morfosintáticos: mobilidade e contato. In: FREITAG, R. M. K.; SAVEDRA, M. M. G. *Mobilidade e contatos linguísticos no Brasil*, 2023, p. 165-188.
- VIANNA, J. S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.
- VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- VITÓRIO, E. G. S. L. A. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió /AL. *Revista digital do programa de pós-graduação em Letras da PUCRS*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 122-138, 2017a.
- VITÓRIO, E. G. S. L. A. O pronome a gente na fala maceioense: um estudo sociolinguístico. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 11, n. 19, p. 63-82, 2017b.